

DA MAGIA À PSICOSE. Um caminho para a cognição extra-sensorial

Sylvia Beatriz Joffily - Docteur en Psychologie

R. Eng^o PENA CHAVES 85/102
22 460 - RIO DE JANEIRO, RJ

"Casi inmediatamente, la realidad
cedió en más de un punto."

Jorge Luis Borges, 1941.

A mágica, a psicose e os fenômenos extra-sensoriais são aconteci-
mentos da vida, e como tal, objetos do meu conhecimento.

Levando-se em conta que conhecer é selecionar e organizar diferen-
tes impressões sensoriais, concluímos que uma mesma ocorrência, depen-
dendo do tratamento recebido pelo organismo que conhece, pode transfor-
mar-se num espetáculo mágico, percepção psicótica ou fenômeno extra-sen-
sorial.

O mágico é alguém que nos apresenta situações perceptivas insólitas,
deixando-nos com a sensação de que algo mais aconteceu que não pu-
demos perceber. Uma moeda desaparece de cima de uma mesa e como que por
etapas perceptivas não explícitas surge de repente na orelha de uma pa-
cata senhora. Do menor tira-se o maior. De uma pequena cartola surgem
dez pombas, dois gatos, três coelhos, etc. Mágico é aquele que põe por
terra em poucos minutos toda uma expectativa perceptiva que aprendemos
ao longo de nossa existência e da qual não podemos nos livrar facilmen-
te. Existe a crença, confirmada por anos de experiência, de que objetos

observáveis sensorialmente não podem desmaterializar-se num determinado tempo e espaço para materializar-se mais tarde em outro local. Também a prendemos que, em se tratando de objetos, o menor não poderá conter o maior. Mas tudo isso apresentado carregado de fascínio em qualquer espe táculo circense, longe de nos deixar em dúvida quanto à segurança da nossa informação sensorial, parece reforçá-la. O prazer popular frente a tais espetáculos é uma prova evidente de que a magia é sentida como um reforço de que estamos no caminho certo para a compreensão do incom preensível.

Ao analisarmos o problema, podemos concluir que a função do mági co é apenas tentar ocultar, com gestos rápidos e disfarçados, etapas do seu comportamento. A moeda que desaparece aqui nunca é a mesma que apa rece acolá, mas jamais são apresentadas ao público as duas moedas simul taneamente. A primeira, ao desaparecer da vista do observador através de um gesto rápido, é ocultada para dar a impressão de que não estaria mais em lugar nenhum, enquanto outra idêntica à primeira é exibida es candalosamente em espaços e tempos diferentes. Há intenção explícita de ludibriar a percepção do observador e levá-lo a uma avaliação cogniti va errônea.

A cartola de fundo falso está colocada em cima de uma mesa, cober ta por uma longa toalha. Embaixo, certamente oculto, estará o grande re

capiente capaz de conter todos os bichos e objetos que o mágico se esforça por fazer crer que retira da pequena cartola. A esses truques bem conhecidos seguem-se uma infinidade de outros mais sutis, cujas explicações eu não seria capaz de fornecer, mas que reconheço, ainda assim, serem passíveis de apreender e acompanhar em todos os detalhes, se me forem fornecidas as explicações.

Com isso quero dizer que, através das minhas condições orgânico-sensoriais, me é possível transformar esse mundo mágico, bizarro e surpreendente em algo lógico e compreensível, bastando para tal, que me permitam acompanhar todas as modificações e transformações sofridas durante a ação e que me são deliberadamente omitidas no espetáculo.

Da observação de crianças psicóticas, e de certos conhecimentos na área da percepção, ficou-me a impressão de que, de certa maneira, nosso mundo lógico, causal, espaço-temporalmente bem definido, poderia soar para certas pessoas, incapazes de acompanhar suas transformações e mutações habituais devido a alterações percepto-sensoriais, como um mundo mágico. Nesse mundo os acontecimentos nunca poderiam ser previstos, ordenados ou relacionados de maneira causal e conhecida, e os objetos raramente teriam a permanência a que estamos acostumados.

A estranheza evidenciada por determinadas crianças frente a ros

tos comumente vistos, a impossibilidade de reconhecer um mesmo objeto quando colocado em posição diferente da habitual, dificuldades de locomover-se e de agir em situações elementares, levam-nos à suposição de que vivências estáveis e permanentes para uns possam ser experimentadas como algo instável e irreconhecível por outros.

Se para uma criança de tenra idade a compreensão de uma determinada situação depende da possibilidade de poder seguir cada passo de transformação sofrida pelo objeto observado, já um adulto mais experiente estaria apto a relacionar e a fechar dentro de um sentido lógico, impressões sensoriais que, à primeira vista, não se relacionam.

Exemplificando, um objeto com a mamadeira, que traz em si um interesse especial para o bebê, não é reconhecido visualmente pela criança se apresentado de forma pouco usual, por exemplo, deitada, onde aparece em primeiro plano a base. Para ser mais exata, o interesse de um bebê ao deparar-se com uma mamadeira apresentada numa boa posição, isto é, de forma habitualmente conhecida, desaparecerá como por milagre ao inverter-se a posição do objeto. Alguns meses mais tarde, entretanto, o mesmo bebê, por ter estabelecido um mundo visual e conseqüentemente ser capaz de reproduzir internamente etapas não vivenciadas sensorialmente no momento, torna-se apto a reconhecer a mesma mamadeira em posições e apresentações incomuns. Nesse caso poderíamos supor que a mágica

acabou. Mesmo quando escondemos a mamadeira atrás de um lenço ou outro objeto qualquer, o bebê não desiste da sua procura, dando mostras de que é capaz de acompanhar as etapas transformatórias que o objeto sofre, agora longe de seus sentidos imediatos.

Fica evidente, então, que esse bebê aprendeu a lidar e a dar um sentido causal às impressões sensoriais isoladas que atingem os diferentes campos sensoriais, através de combinações perceptivas tais como, espaço, tempo, memória, permanência do objeto, causalidade, noção de volume, profundidade, enfim, estabeleceu o que poderíamos chamar mundo sensorial. Através desses artifícios, que visam à seleção e à organização de impressões isoladas, imemoriadas e bidimensionais, que chamamos de diferentes campos sensoriais, o organismo é capaz de produzir realidades mais complexas, o mundo sensorial, entidade com características tridimensionais, permanentes e estáveis, relacionadas a uma memória, o que lhes permite comunicar-se de forma intensa e profunda com seus semelhantes.

A impossibilidade funcional de criar ou aprender tais artifícios imporia à percepção um mundo absurdo e insólito com características as mais bizarras.

Situações óbvias e facilmente solucionáveis para crianças normais

tornam-se mágicas, inseguras e aterrorizantes para crianças autistas.

Incapazes em diferentes graus de desenvolver e relacionar entre si mecanismos que lhes permitam a criação de um mundo sensorial, os autistas parecem deslocar-se num espaço desprovido de profundidade, solidez volume e perspectiva. Assim é que, para essas crianças, a possibilidade de pendurar um quadro numa parede é muitas vezes algo de impossível realização. A impossibilidade de perceber o espaço existente entre a cabeça do prego e a parede faz com que se torne meramente "mágica" a possibilidade do quadro nela permanecer encostado, a alguns metros do chão, sem cair. Dentro dessa perspectiva tratar-se-ia de levitação.

Uma porta que se abre, para nós um fenômeno corriqueiro, seria percebida, linearmente, como um encolhimento e um esticamento dessa mesma porta. Como uma linha sanfonada, a imagem de uma realidade bidimensional seria esticada e comprimida a cada transformação do vão que se cria na parede. Em casos extremos, o suceder de imagens sem relação entre si, poderia ser comparado às etapas de uma história em quadrinhos em que o leitor não atinasse com o sentido.

O registro nervoso das células retinianas em resposta à impressão de um rosto em perfil, difere totalmente do registro retiniano do mesmo rosto visto de frente. Quando a imagem de um rosto de perfil é identifi

cada como sendo a do mesmo rosto visto de frente, esse reconhecimento está muito mais ligado a impressões internas do mundo visual, que se impõem e completam a cada momento as estimulações do campo visual, do que às qualidades intrínsecas percebidas no próprio objeto.

Quando olho para o rosto de um amigo de perfil, o vejo de perfil, de costas, de frente, de lado, sinto sua textura, seu cheiro, ouço possíveis sons que produz, sinto emoções partilhadas mesmo que no momento da percepção ele esteja mudo e estático.

Quando o bebê reconhece a mamadeira de cabeça para baixo, ele não só a percebe nessa posição através da excitação das células nervosas retinianas estimuladas, mas completa e corrige essa informação com todas as outras que possui do mesmo objeto, através dos diferentes sentidos com os quais já o experimentou.

Somente nesse contexto o mundo percebido ganha sentido, permanência, lógica e estabilidade.

A relação existente entre um espetáculo mágico e o mundo percebido pelas pessoas que rotulamos de psicóticas seria, do ponto de vista cognitivo, de equivalência. Ambos, o espectador e o psicótico, estariam privados de perceber todas as etapas transformatórias sofridas no ambiente.

ente, o que lhes impossibilitaria a compreensão dentro de uma seqüência lógica e combinada. Aqueles, por omissão intencional de informação por parte do mágico, e estes, por uma deficiência na organização do sistema percepto-sensorial.

A vivência comum seria então de um mundo bizarro, absurdo e continuamente inesperado. A diferença básica entre o espectador e o psicótico, é que o primeiro tem consciência de que existem outras informações que lhe são omitidas e investe nesse processo cognitivo, em geral, em emoções positivas, dentro de um contexto limitado espaço-temporalmente, onde a estranheza da experiência é vivida como estimulante. Ao partilhar com seres de sua espécie que, como ele, compactuam o segredo da trapaça, reforça a certeza de que pode confiar nos seus próprios sentidos e nos artifícios estabelecidos em sua sociedade para apreender o mundo real.

Muito ao contrário, a vivência cognitiva psicótica é sempre acompanhada de sentimentos profundamente negativos, onde a solidão e a inconsistência são constantes. O indivíduo não só experimenta sensações e percepções diferentes das dos seus semelhantes, como diferentes das passadas e das futuras, o que gera um clima de frustração e insegurança, do qual ele não pode sair por sua própria vontade como o espectador de um circo. A incompreensão que o cerca só faz agravar suas dificuldades co

mo uma bola de neve, envolvendo-o em experiências sentimentais cada vez mais persecutórias e destrutivas.

Existe um terceiro fenômeno que parece estar profundamente ligado, em seu mecanismo cognitivo, aos espetáculos de mágica e ao mundo psicótico; trata-se dos chamados fenômenos paranormais ou extra-sensórios. São ocorrências aparentemente difíceis de serem explicadas através do senso comum. Todos nós certamente ouvimos falar ou conhecemos pessoalmente indivíduos com poderes diferentes dos padrões normais. São do conhecimento popular pelo menos dois ou três casos de pessoas capazes de fazer operações sem emprego de material especializado ou de fazer curas inexplicáveis do ponto de vista médico. Indivíduos capazes de torcer e manipular metais como se fossem folhas de papel, materializar e desmaterializar objetos concretos, de colocar em estado de levitação corpos pesados, etc. Pessoas capazes de comunicação telepática e de previsão do futuro. De todas essas figuras quase legendárias, certamente o mais conhecido e que maior popularidade alcançou no decorrer dos séculos foi Jesus Cristo.

Mas até hoje podemos ler em livros dedicados à pesquisa científica casos como o citado pelo biólogo Lyall Watson. Ele fala de uma menina italiana que, pelo roçar de uma bola de tênis no rosto e nas mãos, consegue revirá-la pelo avesso. Isto é, após um pequeno estalo, a parte

peluda da bola passa para a cavidade interna da esfera, enquanto a borracha lisa recobre toda a superfície externa. Seus movimentos, aparentemente não muitos, são impossíveis de serem acompanhados em toda sua amplitude e as transformações percebidas por nosso sistema perceptual são sentidas como mágicas.

Eu, infelizmente, não tive oportunidade de observar fenômenos semelhantes. Mas através de leituras e descrições de pessoas que participaram de certas experiências, chego à conclusão de que o ocorrido não difere muito do percebido nas práticas mágicas. Em ambos os casos os observadores são pessoas pressupostamente íntegras sensorialmente e capazes de partilhar suas experiências com os seus pares. Se não houver farsas, a única explicação plausível é que, neste último caso, a organização sensorial estabelecida no desenvolvimento da nossa espécie é ineficiente.

Alguns poucos indivíduos, por um acaso genético, ou quem sabe pela chance de não terem sido definitivamente marcados por uma escolha organizacional prevista em nossa sociedade, ficaram aptos a desenvolver sentidos que de uma forma geral estão abafados e pouco atuantes para a maioria dos seres humanos.

A esses seres diferentes costumamos chamar "paranormais", e eles

nos provocam uma curiosidade medrosa, pois sua atuação nos faz desconfiar que a maneira certa de conhecer não existe, e que o desconhecido é infinitamente maior do que o conhecido.

Paranormais deviam ser, na avaliação dos índios, os portugueses que chegaram pela primeira vez ao Brasil. Para a organização perceptiva dos nativos, o desembarque dos invasores carregados de armas de fogo, capazes de produzir ruídos só igualáveis ao trovão, entidade temida e incontrolável, capazes de transformar vivos em mortos de forma incompreensível, equivaleria à surpresa de nossos contemporâneos, em pleno século XX, frente às chamadas práticas extra-sensoriais.

A descrição popular da lua como crescente e minguante é mais um exemplo de como nossa informação, puramente sensorial, difere do conhecimento racional sobre o mesmo objeto.

Ao chamarmos a lua de crescente e minguante estamos nos referindo não a dois objetos distintos, mas a um mesmo objeto que, através da nossa visão, constatamos alterar sua forma, inchando durante um certo período e murchando em outro. Se pudéssemos experimentar a permanência da lua tocando-a, cheirando-a, ouvindo-a, etc..., certamente sua designação seria outra. Se o uso parcial de nossos sentidos conhecidos já nos leva a uma distorção tão grande do que chamamos realidade comum, por

que não admitir a possibilidade de existência de outros sentidos, ausentes na maioria da população?

Numa extrapolação extrema desse raciocínio, poderíamos supor que o que chamamos de morte, essa transformação sentida como definitiva e inexorável, equivaleria, do ponto de vista cognitivo, aos três fenômenos acima descritos.

Explicando melhor, da mesma forma como o espectador do espetáculo mágico, o observador dos fenômenos extra-sensoriais e o psicótico frente ao seu mundo incoerente são incapazes de acompanhar passo a passo todas as transformações sofridas pelo objeto observado, do ponto de vista cognitivo nós também não estaríamos aptos a compreender certas mudanças ocorridas entre dois estados, sentidos como descontínuos: a vida e a morte.

Se, entretanto, concordamos em que todo conhecimento é apenas a eleição de uma abordagem definitiva entre inúmeras outras; se estamos de acordo em que o saber está ligado a uma estratégia causal que depende muito de quem, como e quando conhece, do que do objeto a ser conhecido; se somos capazes de reconhecer através da comparação de realidades incomuns como o espetáculo de mágica, do mundo psicótico, e dos fenômenos extra-sensoriais, a existência de uma organização percepto-sensorial ma

leável e dependente de uma ordem implícita que não somos capazes de as similar em sua totalidade, podemos aceitar também que a passagem da vi da para a morte poderia ser vivenciada como um truque de mágica, uma percepção psicótica ou fenômeno extra-sensorial, dependendo de onde, como e com quem acontece.

A tentativa de compreender e descrever fenômenos como os acima observados traz em si limitações e determinações que me são impossí veis de avaliar ou subtrair; inserida num momento histórico, condicio nada pelas escolhas da minha espécie, estou limitada à visão do meu tem po, visão descontínua, atomizada, onde toda a impressão cognitiva é cristalizada, catalogada e comparada. Perdeu-se a noção da fluidez e da dinâmica dos acontecimentos e a transmissão de informação seja ver bal, escrita, formal, etc., possui características de estabilidade e permanência que certamente se distanciam muito do percebido.

Talvez por isso — da mesma forma que um bebê, após um período de prática cognitiva, é capaz de reencontrar sua mamadeira irremedia velmente perdida devido simplesmente a uma mudança de posição — perma neça uma velha esperança de que este estado tão estranho e definitivo para os seres vivos, que é a morte, não passe também, como a mamadeira perdida, de uma posição particular da vida que, no momento, não pode mos reconhecer por falta de meios cognitivos.

SUGESTÕES PARA LEITURA:

- BOHM, David. L'ordre involu  et volu  de l'univers et la conscience. Science et Conscience. Les deux lectures de l'univers. 1980. Editions Stock et France Culture.
- BORGES, Jorge Luis. Tl n, Uqbar, Orbistertius. Antologia de la Literatura Fantástica. Editorial Sudamericana, 1967.
- CAPRA, Fritjof. The Tao of Physics. Bantam Books, 1975.
- JOFFILY, Sylvia Beatriz - L'Autisme - Tese de doutorado - Universit  Louis Pasteur - Strasbourg - FRANCE - 1974.
- MATURANA, Humberto. Estratégias Cognitivas. O cérebro humano e seus universais. Unidade do Homem, Vol.II, p. 148. Centro Royaumont para uma ciência do homem. Editora Cultrix, 1974. Editora da Universidade de São Paulo.
- PIAGET, Jean. A constru o do real na criança. Editora Zahar, 1970.
- WATSON, Lyall. Mar  da Vida. Uma Biologia do Inconsciente. DIFEL, 1980.